



Jornalismo Literário em Ambientes Digitais: estudo de caso da produção da jornalista Eliane Brum¹

Monica Martinez
FIAMFAAM/FMU

Resumo

Este artigo parte de duas perguntas. Há produção com características do Jornalismo Literário nos ambientes digitais? E um jornalista literário que escrevesse para a plataforma impressa manteria estas características na digital? Para investigar estas questões foram selecionadas 51 colunas da jornalista Eliane Brum publicadas no portal da revista *Época* no ano de 2010. Neste corpus foi identificada a ocorrência de cinco gêneros. Três do jornalismo convencional (crônicas, resenhas e entrevistas – 43 colunas ou 84% do total) e duas do literário (ensaios pessoais e perfis – oito colunas ou 16% do total). O resultado sugere que houve produção em estilo jornalístico-literário, ainda que não predominante. A hipótese é a de que seriam necessários *deadlines* (a coluna é semanal) e aporte de recursos maiores para produzir material para a internet com as características desta modalidade jornalística.

Palavras-chave

Jornalismo; Jornalismo Literário; Revista *Época*; Eliane Brum; Internet.

A plataforma midiática digital

Nas três décadas após a Segunda Guerra Mundial, os meios de comunicação foram reestruturados em torno da televisão. Segundo o sociólogo espanhol Manuel Castells, as estruturas sociais contemporâneas são fortemente mediadas pelas inovações tecnológicas.

“O rádio perdeu sua centralidade, mas ganhou em penetrabilidade e flexibilidade (...). Filmes foram adaptados para atender às audiências televisivas (...). Jornais e revistas especializaram-se no aprofundamento de conteúdos ou enfoque de sua audiência (...). Quanto aos livros, estes continuaram sendo livros (...). (CASTELLS, 2005, p. 415).

Para Castells, diretor do Instituto Interdisciplinar da Universidade Aberta da Catalonia (UOC), em Barcelona, e professor de Comunicação, Tecnologia e Sociedade da University of Southern California, em Los Angeles, um novo impulso tecnológico foi dado nos anos 1980:

Jornais escritos, editados e impressos à distância, permitindo edições simultâneas do mesmo jornal sob medida para várias áreas importantes (...). O rádio foi se especializando cada vez mais (...). Os filmes sobreviveram na forma de videocassetes. (...) A possibilidade de gravação por videocassetes representou mais uma opção, reforçando a tendência para a futura diversificação das ofertas de programas de TV, que posteriormente foi segmentada. (...) a multiplicação dos canais de TV (...) levou à sua crescente diversificação. (CASTELLS, 2005, p. 422-423).

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

O historiador inglês Eric Hobsbawm pontua o início do século XXI com o fim do muro de Berlim, em 1989, e posteriormente a queda da União Soviética, em 1991 (HOBSBAWM, 1995). Para Castells, outra grande revolução mediática foi dada mais ou menos na mesma época: a era www iniciada em meados dos anos 1990.

Embora a tecnologia seja grandemente ressaltada, a mudança nas mediações humanas é o aspecto mais notável desta nova configuração sócio-cultural:

A fusão das telecomunicações, da informática, da imprensa, da edição, da televisão, do cinema e dos jogos eletrônicos em uma indústria unificada da multimídia é o aspecto da revolução digital que os jornalistas mais enfatizam. Mas não é o único, nem talvez o mais importante. Além de certas repercussões comerciais, parece-nos urgente destacar os grandes *aspectos civilizatórios* ligados ao surgimento da multimídia: novas estruturas de comunicação, de regulação e cooperação, linguagens e técnicas intelectuais inéditas, modificação das relações de tempo e espaço etc. (LÉVY, 1998, p. 13).

Do ponto de vista comunicacional, a nova plataforma mediática, ambientada num espírito de convergência (JENKINS, 2009), causa alterações significativas de tal forma que hoje é difícil qualquer estudo que não insira a esfera da comunicação mediada por aparatos tecnológicos. Ressaltamos, aqui, as alterações na perspectiva tempo-espacial e o compartilhamento das mensagens.

Alteração na perspectiva tempo-espacial: assincronia, velocidade e nomadismo.

A natureza sempre foi a grande organizadora do tempo humano, dela derivando os marcadores temporais e eventos importantes, como celebrações religiosas ou relativas à chegada das estações e colheitas. Em *Campo e Cidade*, o crítico galês Raymond Williams (1921-1988) destaca a forma tradicional rural, orgânica, em contraposição às desordens típicas do processo de urbanização (WILLIAMS, 1990).

A revolução industrial – com suas novas formas de energia e iluminação – e, mais tarde, a sociedade da informação, alteram este quadro sincrônico antes marcado pelos ciclos naturais. O mesmo acontece no plano das comunicações. Os meios eletrônicos, como rádio e televisão, funcionavam grandemente como marcadores temporais. Hoje, este ritmo comunicacional foi quebrado pelas inúmeras possibilidades surgidas com os novos aparatos tecnológicos (MENEZES, 2007), como *audiocasts* e sistemas de compartilhamento de vídeos, caso do Youtube. A princípio, podemos ver, ler e ouvir tudo o que quisermos, na hora que o desejarmos.

A pulverização e a multiplicidade dos meios de comunicação são um dos fatores que levam à síndrome do excesso de informação, caracterizada pela sensação de incapacidade de se digerir a gigantesca carga informacional disponível na rede – que aumenta de forma constante, exponencial e veloz.

Em meados dos anos 1990, quando a internet começava a chamar a atenção enquanto fenômeno midiático, o filósofo francês Paul Virilio foi um dos primeiros pensadores a apontar a questão da velocidade enquanto um fato determinante dos novos processos comunicacionais. Em *Velocidade e Política*, Virilio emprega o neologismo *dromologia*, que o tradutor Celso Parciornik, no prefácio da obra, explica ser tomado da palavra *dromos* – corrida, curso, marcha em grego (VIRILIO, 1997: p. 10).

(...) a manutenção do monopólio exige que a toda nova máquina seja logo contraposta uma máquina mais rápida. Mas com o limite das velocidades se estreitando sem parar, fica cada vez mais difícil de conceber o engenho rápido. Ele frequentemente se torna obsoleto antes mesmo de ser aproveitado; o



produto está literalmente gasto antes de ser usado, ultrapassando, assim, na “velocidade”, todo o sistema de lucro da obsolescência industrial! (VIRILIO, 1997, p. 56-57).

Essa pressa produtiva está ancorada numa sociedade dominada pelo conceito de tempo fragmentado e linear do relógio. Ora, os gregos tinham duas palavras que definiam tempo. A primeira, *chronos*, era esta que caracteriza o tempo quantitativo e sequencial do relógio. Já *kairós* refere-se à noção qualitativa temporal, um momento indeterminado entre eventos no qual algo especial acontece. Estaria neste âmbito o conceito de comunicação como acontecimento defendido pelo teórico brasileiro Muniz Sodré (SODRÉ, 2009). E também, talvez, uma chave para compreender o fenômeno comunicacional mediado por aparatos tecnológicos em sua dimensão assíncrona.

Se o conceito de tempo está em mutação, também está o de espaço. Até meados da década de 1990 produtores e leitores de mensagens jornalísticas tinham suas baias corporativas para as quais se dirigiam em horários regulares em troca de um salário e status social. A revolução digital alterou fortemente esta configuração até então dicotômica de trabalho e lazer, num certo sentido aproximando-a da divisão feita pelo artesão medieval, que realizava seu trabalho em casa.

A questão da relação entre os participantes do processo comunicacional talvez represente a principal e mais evidente alteração causada pela rede digital. “Podemos distinguir três grandes categorias de dispositivos comunicacionais: um-todos, um-um e todos-todos (LÉVY, 1999, p. 63).

Segundo Lévy, o correio e o telefone seriam exemplos de contato de indivíduo para indivíduo, um-um. Já a chamada comunicação de massa – imprensa, rádio e televisão – seria estruturada no princípio um-todos: “um centro emissor envia suas mensagens a um grande número de receptores passivos e dispersos” (idem). Já as redes virtuais permitem uma comunicação cooperativa por meio do dispositivo todos-todos:

(...) os novos dispositivos informacionais (mundos virtuais, informação em fluxo) e comunicacionais (comunicação todos-todos) que são os maiores portadores de mudanças culturais, e não o fato de que se misture o texto, a imagem e o som, como parece estar subentendido na noção vaga de multimídia. (LÉVY, 1999, p. 63).

Este processo de desterritorialização característico do mundo digital é estudado por vários autores, afinal “a relação natureza/cultura, e a relação sujeito/outro, estão indissolúvelmente ligadas à percepção do espaço”, diz o sociólogo francês Michel Maffesoli (1998, p. 177-178).

(...) podemos dizer que o *lugar se torna laço*. E isso nos lembra que talvez estejamos diante de uma estrutura antropológica que faz com que a agregação em torno de um espaço seja o dado básico de toda forma de sociedade (MAFFESSOLI, 1998, p. 181).

Maffesoli defende o conceito de tribos urbanas, isto é, grupos sociais que definem sua espacialidade a partir de um sentimento de pertencimento, em função de uma ética específica e no contexto de uma rede de comunicação (1998, p. 194). Ou seja, as novas “tribos” possuem normas, matrizes comunicacionais e rituais próprios, que as unem em alguma medida em relação às demais.

Neste sentido, as comunidades virtuais possuem leis e dinâmicas específicas, que interagem com outras redes eletrônicas e também físicas em uma medida que os



pesquisadores ainda se empenham em estudar. Castells, por exemplo, lembra que a internet é apenas mais uma opção para a criação e a manutenção de redes sociais. Ele cita o diretor do Netlab do departamento de sociologia da Universidade de Toronto, Barry Wellman, que diz que: “a rede social do indivíduo de laços interpessoais informais, que vão de meia dúzia de amigos íntimos a centenas de laços mais fracos... Tanto as comunidades de grupo quanto as comunidades pessoais funcionam tanto on-line quanto off-line” (CASTELLS, 2005, p. 444).

Neste contexto dos vínculos e afetos – laços fortes e fracos --, Castells sugere que a rede é especialmente apropriada para a geração de laços fracos múltiplos.

A vantagem da Rede é que ela permite a criação de laços fracos com desconhecidos, num modelo igualitário de interação, no qual as características sociais são menos influentes na estruturação ou mesmo no bloqueio de comunicação. De fato, tanto off-line quanto on-line, os laços fracos facilitam a ligação de pessoas com diversas características sociais, expandindo assim a sociabilidade para além dos limites socialmente definidos do auto-reconhecimento. Nesse sentido, a Internet pode contribuir para a expansão dos vínculos sociais numa sociedade que parece estar passando por uma rápida individualização e uma ruptura cívica. (CASTELLS, 2005, p. 445).

A Internet estaria solapando a sociabilidade das comunidades físicas? Os estudos de Wellman sugerem exatamente o contrário. Castells, porém, lembra que os “críticos sociais se referem implicitamente a um conceito idílico de comunidade, uma cultura muito unida, espacialmente definida, de apoio e aconchego, que provavelmente não existia nas sociedades rurais, e que decerto desapareceu nos países industrializados” (CASTELLS, 2005, p. 444). E que, certamente, não ocorre no mundo digital. Esta questão se estende à interatividade. Alex Primo, docente do PPGCOM da UFRGS, pontua que “(...) se o diálogo humano não é uma relação automática, nem previsível, por que então supor que toda e qualquer utilização do computador seja comparada a um diálogo ou a uma conversação? (PRIMO, 2007, p. 47).

Jornalismo Literário

No mais recente livro sobre o tema lançado no país, *Jornalismo Literário para Iniciantes* (2010), o docente Edvaldo Pereira Lima define bem, no capítulo intitulado *Histórias com Sabor e Cor*, a condição atual desta corrente jornalística:

Estilo diferenciado de prática da reportagem e do ensaio jornalístico, o jornalismo literário ocupa um lugar especial na cultura contemporânea. Não é a forma de jornalismo mais popular, nem a mais constante. Tampouco é o estilo dominante na imprensa. Como não é o maior, resta-lhe ser diferente. Pois são precisamente as diferenças que marcam este tipo muito particular de jornalismo, quando comparado aos padrões mais conhecidos, que lhe dão uma identidade toda própria, uma força comunicativa poderosa e uma qualidade estética notável. Por isso, capta o entusiasmo de profissionais que prezam o bom texto, atrai o interesse de leitores que buscam nas matérias jornalísticas mais do que a informação ligeira do dia-a-dia dos acontecimentos (LIMA, 2010, p. 9).

Lima também define com precisão uma das principais diferenças do Jornalismo Literário quanto à estrutura textual:



No jornalismo convencional, o modo corriqueiro é o **sumário**. Como o nome sugere, trata-se de um resumo das coisas. Você dá uma pincelada nos elementos básicos do que tem para contar, simplifica, conta de uma maneira indireta, quase sempre impessoal. (LIMA, 2010, p. 14).

Já no caso do jornalismo literário há duas características significativas. A primeira é a cena:

O jornalismo literário prefere esse modo de narrar porque seu compromisso implícito com o leitor é dar-lhe não apenas a informação sobre alguma coisa. É fazer com que o leitor passe pela experiência sensorial, simbólica, de *entrar* naquele mundo específico que a matéria retrata. Enquanto o **sumário** apela mais para o raciocínio lógico, a **cena** procura também despertar a visão, a audição, o olfato, o tato, o paladar do leitor (LIMA, 2010: 16).

A construção em cena está intrinsecamente ligada à narração, isto é, a contação da história, a forma milenar dos seres humanos de carrear saberes e acontecimentos:

O que o jornalismo literário faz é também contar histórias, só que de um modo elegante, articulado esteticamente. Como produz textos escritos, procura dar a esses seus produtos uma qualidade literária, entendida como uma organização textual eficiente, do ponto de vista de comunicação, atraente, do ponto de vista estético. O texto precisa oferecer ao leitor uma experiência prazerosa de leitura. (LIMA, 2010: 19).

O jornalismo literário seria constituído por quatro áreas do conhecimento:

1. **Jornalismo**: a matriz do JL, que lhe empresta as principais características:
 - Apuração criteriosa do fato – não se admite invenção.
 - Ética em relação às fontes e leitores (KRAMER, 1995).
2. **Literatura**: a interface mais conhecida – e debatida –, da qual compartilha algumas técnicas narrativas, como o uso de diálogos. (WOLFE, 2005).
3. **Sociologia**: o antropólogo belga Ives Winkin aponta a aproximação do JL com a Escola de Palo Alto, nos anos 1940, que agregaria ao JL as características da complexidade do “modelo circular” proposto por Nobert Weiner, com sua metáfora da orquestra, no qual não haveria a distinção clássica entre emissor e receptores (WINKINS, 1998). Já imersão e técnicas como a observação participante seriam derivadas da Escola de Chicago, influência herdada do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago que foi estimulado pelo governo dos Estados Unidos a estudar a situação de pobreza vivida pela população durante a Grande Depressão dos anos 1930 (LIMA, 2010, p. 111).
4. **Psicologia**: as várias correntes desenvolvidas no século XX, da psicanálise freudiana à psicologia junguiana, entre outras, seriam um aporte importante para identificar os fatores psíquicos que influenciam o comportamento do indivíduo (LIMA, 2010).

Este conjunto de arcabouços conceituais, técnicos, estéticos e éticos pode permitir ao jornalista literário ultrapassar a camada superficial do real, mergulhando nas dimensões mais profundas da realidade de forma a apurar, resgatar, compreender e,

finalmente, relatar de uma forma mais integral os sentidos, os nexos e as conexões existentes no acontecimento.

É que, para ser bem sucedido, este mergulho demanda um profissional curioso, com formação cultural sólida e visão de mundo ampla, pronto para acolher o outro sem necessariamente julgar ou endossar seus pontos de vista. Por isso, poucos profissionais estariam aptos a navegar com tranquilidade neste patamar. Seria o caso da jornalista gaúcha Eliane Brum, conhecida pelas reportagens especiais de fôlego produzidas na edição impressa da revista *Época*. Contudo, mesmo ela, ao migrar da plataforma impressa para a digital da *Revista Época*, no ano de 2010, teria conservado estas características? É o que veremos a seguir.

Estudo de caso

No perfil que acompanha as colunas que publica a cada segunda-feira, Eliane Brum é definida como “jornalista, escritora e documentarista”. Por escritora, entenda-se a publicação de três obras até agora. A primeira, lançada em 1994, é *Coluna Prestes – O Averso da Lenda* (Artes e Ofícios), onde refaz a caminhada de 25 mil quilômetros liderada pelo político comunista gaúcho Luis Carlos Prestes entre 1925-1927.

A segunda obra, *A Vida Que Ninguém Vê* (Arquipélago Editorial) ganhou o Prêmio Jabuti 2007 na categoria reportagem. Criado em 1959 pela Câmara Brasileira do Livro, o Jabuti é considerado um dos mais importantes prêmios literários do país. A obra reúne os 46 textos que a autora escreveu para a coluna que deu título ao livro, publicados no jornal gaúcho *Zero Hora* a partir de 1998. No prefácio do livro, o então diretor de redação, Marcelo Rech, relata a história da criação da coluna:

Eu não faria um convite daqueles a qualquer um. Eliane Brum já era uma repórter consagrada, um dos melhores textos brotados em quatro décadas de *Zero Hora*, quando a convoquei a minha sala numa tarde de fins de 1998 para lançar o desafio a uma jornalista que ansiava por desafios todos os dias.

— Eliane, que tal extrair crônicas reais de pessoas comuns e situações corriqueiras? — propus, eu próprio um ansioso diretor de redação em busca de inovações e inovadores para marcar a história do jornalismo brasileiro.

A ideia estava ancorada na convicção de que tudo – até uma gota de água – pode virar uma grande reportagem na mão de um grande repórter. A questão era achar alguém com os sentidos à flor da pele para dar forma a um misto de crônica, reportagem e coluna. Não foi preciso procurar mais. Eliane não só capturou a ideia de escrever uma série de reportagens sobre personagens e cenas corriqueiras em forma de crônicas da vida real: ela a moldou a seu talento exuberante e a transformou numa extraordinária coleção de 46 colunas que por quase 11 meses vitaminaram a edição de sábado do principal jornal do país fora do eixo Rio-São Paulo.

Celebradas pelo Prêmio Esso de Jornalismo – Regional Sul de 1999, Eliane e suas *A vida que ninguém vê* foram como o encontro do cálice com o vinho. Fenômeno de percepção jornalística, Eliane iluminou um mundo recluso, obscurecido pela emergência da notícia ou pela máxima de que, em jornalismo, a história só existe quando o homem é quem morde o cachorro. A série provou o contrário. Ao extrair reportagens antológicas de onde outros só enxergariam a mesmice, Eliane deu a zês e marias do sul do Brasil a envergadura de personagens de literatura tolstoiana e reverteu um dos mais arraigados dogmas da imprensa. Um dia, quem sabe, algum desses acadêmicos da comunicação que se debruçam sobre aquelas teses herméticas deslocadas da vida real das redações também encare a tarefa de trazer à luz como Eliane traçou



parte da história do jornalismo brasileiro ao escrever notáveis reportagens (ou seriam crônicas?) extirpadas das ruas anônimas (RECH in BRUM, 1996: 13-14)

No mesmo prefácio, Rech descreve o método de trabalho da jornalista para a realização das colunas para o *Zero Hora*:

O talento de Eliane, de fato, merece investigação científica. Sabe-se que, no caminho até sua página de sábado, a jovem repórter (ou seria colunista?) defrontava-se com três momentos decisivos. No primeiro, talvez o mais crítico por requerer um exercício de precisa inspiração e sensibilidade, recrutava seu tema e definia seu personagem – o vinho raro à espera de ser descoberto e degustado. Em seguida, vinha a tarefa mais espinhosa para muitos jornalistas e seus entrevistados, mas provavelmente o momento mais natural para quem conhece Eliane: deixar-se devassar diante da repórter de voz suave, olhar terno e sensibilidade extra-sensorial.

Sim, aqui se revela um dos segredos de Eliane para compilar suas histórias: a empatia que ela estabelece com suas fontes. Não são modos e gestos afetados, não são truques impessoais para relaxar o entrevistado. Eliane é assim, confiável e profissional ao mesmo tempo. Olhos, ouvidos e, principalmente, coração aberto diante da informação em estado bruto. Era graças a esta combinação rara que a vida de quem milhares iriam conhecer no sábado seguinte rasgava-se diante do bloco de anotações da repórter. A última etapa da página guardava a tarefa mais simples para Eliane – escrever magistralmente – e a mais tenebrosa das missões: conter seu próprio ímpeto de narrar além, de percorrer caminhos da vida dos entrevistados que as limitações do espaço de um jornal não conseguiriam jamais conter. Em permanente ebulição jornalística, Eliane vivia no fechamento da coluna o drama de enquadrar em somente uma página o retalho de vida que para outros repórteres não valeria uma nota (RECH in BRUM, 1996: 14-15).

A coluna foi encerrada em janeiro de 2000, quando a jornalista muda-se de Porto Alegre para São Paulo para trabalhar numa revista semanal de circulação nacional, a Revista Época. Rech conta que:

Quando Eliane ouviu o canto da sereia da imprensa paulista e deixou Zero Hora, *A vida que ninguém vê* achou-se repentinamente órfã. Não havia como substituí-la. Até – é preciso confessar – sondei possíveis candidatos a embalar a coluna, mas, sabiamente, todos declinaram da hipótese de serem comparados aos textos de Eliane Brum (RECH in BRUM, 1996: 16).

O terceiro livro de Eliane Brum, *O Olho da Rua (Editora Globo)*, lançado em 2008, contém dez reportagens da autora, além de material exclusivo, os bastidores de produção das mesmas. Na apresentação da obra, Eliane reflete sobre seu trabalho:

Não sei muito sobre mim mesma. Quando acho que sei um pouco, eu mesma me desmascaro e escapo de mim. Mas se tenho alguma certeza é a de que sou repórter. Ser repórter é algo profundo, definitivo, do que sou. Todo o meu olhar sobre o mundo é mediado por um amor desmedido pelo infinito absurdo da realidade. E pela capacidade de cada pessoa reinventar a si mesma, dar sentido ao que não tem nenhum. São estes os únicos milagres que acredito, os de gente. E é desta matéria teimosa que são feitas as histórias reais deste livro.

Em cada rua do mundo, seja de floresta ou de concreto, busco aquilo que faz tantos brasileiros andar pelo mapa, às vezes descalços. Aquilo que move tantos de nós a ancorar no dia seguinte – e um dia depois do outro. Meu ofício é encontrar o que torna a vida possível apesar de tudo, a delicadeza na brutalidade do cotidiano, a vida na morte. É esse o mistério que me fascina. E o olhar que escolhi como farol nessas andanças



pelos muitos Brasis é o da compaixão, aquele que reconhece no outro a fratura que já adivinhou em si mesmo (BRUM, 2008: 13-14).

Em sintonia com a premissa dos historiadores orais (MEIHY, 1998), Brum professa que:

Eu acredito na reportagem como documento da história contemporânea, como vida contada, como testemunho. Exerço o jornalismo sentindo em cada vértebra o peso da responsabilidade de registrar a história do presente, a história acontecendo. Por isso, exerço com rigor, em busca da precisão e com respeito à palavra exata. Mas também com a certeza de que a realidade é complexa e composta não apenas de palavras. É feita de texturas, cheiros, nuances e silêncios. Na apuração de minhas matérias, busco dar ao leitor o máximo dessa riqueza do real, para que ele possa estar onde eu estive e fazer suas próprias escolhas (BRUM, 2008:14).

Por sua atuação como repórter, ganhou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais. Em março de 2010, depois de dez anos na revista *Época*, Eliane desligou-se parcialmente da instituição jornalística. A partir de então, naquela empresa, deu prosseguimento apenas à coluna *Nossa Sociedade*, que posta às segundas-feiras no portal da revista (<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI63840-15230,00-ARQUIVO+ELIANE+BRUM.html>). Na coluna de 1º. de março, ela declara:

Não foi uma decisão intempestiva. Ela vem acontecendo dentro – e fora de mim – há um bom tempo. Há cinco anos tenho trabalhado nas férias e finais de semana em projetos paralelos, como documentários, livros, oficinas e palestras. Queria experimentar coisas novas e abrir outros caminhos para fora de mim. Outras maneiras de estar no mundo. Tenho uma convicção comigo: temos uma vida só, mas dentro dessa, podemos viver muitas. E eu quero todas as minhas. (...) Vou continuar fazendo reportagem. Apenas de um outro jeito, num outro tempo. Sou repórter até os confins da minha alma – e um pouco além. Se conseguir escrever ficção, como também sonho, só será possível pelo tanto de vida real e personagens de carne e osso que conheci nestes últimos 21 anos de reportagem. Só o real é absurdo. A ficção é sempre possível. (BRUM, 2010).

Como documentarista, ela já fez *Uma história severina*, em 2005, sobre Severina, plantadora de brócolis de Pernambuco que, grávida de anencéfalo, é impedida de abortar por decisão do Supremo Tribunal Federal. Em 2010, concluiu um longa metragem sobre a cantora Gretchen (Maria Odete Brito de Miranda), 30 anos de profissão, que, aos 50 anos, concorreu ao cargo de prefeita da Ilha de Itamaracá, em Pernambuco, nas eleições de 2008.

Em junho de 2011, a jornalista havia lançado pela editora Leya sua primeira obra de ficção, *Uma;duas*, sobre mães e filhas.

Análise do corpus

O corpus desta pesquisa compreende as 51 colunas publicadas pela jornalista Eliane Brum no ano de 2010 no portal da *Revista Época*. Quanto à temática, elas podem ser divididas em dois grandes grupos:

1. **Conteúdos universais:** 33 colunas trabalham assuntos compartilhados pela espécie humana, caso de amor, maternidade e morte, entre 16 outras temáticas.
2. **Conteúdos ligados à realidade sociocultural brasileira:** as demais 18 colunas abordam questões locais, tendo sido classificados sete eixos temáticos (cultura, educação, saúde, segurança, sistema jurídico, sociedade, política).

A distribuição em gêneros foi feita em:

Gêneros do jornalismo

1. **Crônica:** uma composição opinativa, breve, arguta e sensível relacionada à atualidade (MELO, 1985, p. 146).
2. **Resenha:** gênero opinativo que “corresponde a uma apreciação das obras-de-arte ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores ou consumidores” (MELO, 1985, p. 125).
3. **Entrevista:** gênero informativo cujo “relato privilegia um ou mais protagonistas do acontecer (...)” (MELO, 1985, p. 65).

Gêneros jornalístico-literários

1. **Ensaio Pessoal:** estaria localizado uma oitava acima da crônica, mesclando “narrativa e reflexão, sempre com forte conotação pessoal”. (...) “Há uma necessidade premente de compreensão”. A escrita é movida por “algo que mexeu muito com seu ser”. (LIMA, 2009, p. 431)².
2. **Perfil:** “texto que retrata um indivíduo como em uma arqueologia psicológica que vai escavando e trazendo à tona seus valores, suas motivações, talvez seus receios, seus lados luminosos e suas facetas sombrias (...)”. (LIMA, 2009, p. 427)³.

O resultado da distribuição em gêneros é o seguinte:

Crônicas

1. Como eles podem transformar as férias da gente num inferno (nº. 1 - 04/01/2010).
2. Tropa de elite (nº. 2 - 18/1/2010).
3. História de amor no Taiti (nº. 3 - 25/1/2010).
4. A burca, a França e todos nós (nº. 4 - 2/2/2010).
5. O bebê alien (nº. 5 - 8/2/2010).
6. O Mito da Fertilidade (nº. 6 - 15/2/2010).
7. Divorciada aos 10 anos (nº. 10 - 15/3/2010).
8. Pedófilo é gente (nº. 13 - 5/4/2010).
9. *Memento mori* (nº. 15 - 19/4/2010).

² Por ensaio pessoal aqui entende-se: “Gênero emergente na *Literatura da Realidade* norte-americana. Mescla narrativa e reflexão dissertativa de tom pessoal, não acadêmico. O autor pode ser também personagem. Está envolvido de algum modo no acontecimento que dá origem ao texto e/ou assume posição clara nas reflexões associadas. O assunto abordado e o tema subjacente têm significado pessoal para o autor. Tanto a voz autoral quanto a imersão constituem qualidades desejáveis”. Conceito de Lima disponível em <<http://www.abjl.org.br/index.php?conteudo=Conceitos&lang=>>>. Acesso em: 23 jun 2011.

³ Em Ciências Sociais, os perfis e as biografias são entendidos como histórias de vida, isto é, um método de pesquisa. “Gênero de origem incerta, desenvolvido, aperfeiçoado e disseminado para todo o jornalismo a partir da década de 1920 na revista *The New Yorker*, nos Estados Unidos. Busca traçar um retrato detalhado de personagens famosos ou anônimos, individualizando a compreensão mais ampla possível do ser humano em destaque em cada matéria. Nos melhores casos, intuitiva ou conscientemente, os bons autores de perfis fazem uma leitura dos personagens que revelam características psicológicas e comportamentais importantes, além dos aspectos mais concretos do que fazem e como vivem. Expõem, assim, a complexidade real típica de uma vida humana, rompendo os estereótipos limitantes que normalmente camuflam as pessoas nos veículos de comunicação de massa. Teve um salto de qualidade histórico com “Frank Sinatra Está Resfriado”, de Gay Talese, publicado originalmente em abril de 1966 na revista *Esquire*, reproduzido em seu livro *Fama & Anonimato*.” Conceito de Lima disponível em <<http://www.abjl.org.br/index.php?conteudo=Conceitos&lang=>>>. Acesso em: 23 jun 2011.



10. O insustentável peso do ser (nº. 16 – 26/4/2010).
11. Socorro! Tem alguém aí? (nº. 18 – 10/5/2010).
12. Câmara dos Deputados contra Tropa de Elite (nº. 19 – 17/5/2010).
13. Saci sem cachimbo, lobo sem dentes e gente sem pensamento (nº. 20 – 24/5/2010).
14. Ana Hickmann e a humanidade sitiada (nº. 22 – 7/6/2010).
15. Dois andares abaixo do meu (nº. 24 – 21/6/2010).
16. Cartas de amor (nº. 25 – 28/6/2010).
17. Desconhece-te a ti mesmo! (nº. 28 – 19/7/2010).
18. Palmada na lei (nº. 29 – 19/7/2010).
19. A vida se faz nas marcas (nº. 31 – 9/8/2010).
20. Rir de si mesmo é ato civilizatório (nº. 33 – 23/8/2010).
21. Ninguém quer o futuro (nº. 34 – 30/8/2010).
22. Palavras em busca de adoção (nº. 35 – 6/9/2010).
23. O dia seguinte é hoje (nº. 39 – 4/10/2010).
24. Menos leviandade, por favor. (nº. 40 – 11/10/2010).
25. Espelho, espelho não meu (nº. 42 – 25/10/2010).
26. Dilma-lá (nº. 43 – 1/11/2010).
27. Em nome do bem se faz muito mal (nº. 44 – 8/11/2010).
28. Tropa de Elite em 3D (nº. 48 – 6/12/2010).
29. Mau humor natalino (nº. 50 – 20/12/2010).

Resenhas

1. O perigo da história única (nº. 6 – 15/2/2010), sobre o filme *Preciosa* e palestra no TED de Chimamanda Adichie, autora de *Meio Sol Amarelo*.
2. Porca gorda (nº. 11 – 22/3/2010), sobre a peça teatral *Gorda*.
3. Tão lindo, tão podre (nº. 12 – 29/3/2010), sobre a exposição “Tão longe, tão perto”, promovida pela Telefônica.
4. A perfeita família Jones (nº. 17 – 3/5/2010), sobre filme homônimo.
5. Vida de photoshop (nº. 21 – 31/5/2010), sobre filme *Os homens que não amavam as mulheres*, baseado no primeiro livro da trilogia Millennium, do sueco Stieg Larsson.
6. A boneca inflável de cada um (nº. 30 – 2/8/2010), sobre filme *A Garota Ideal*.
7. Nada é só bom (nº. 38 – 27/9/2010), sobre filme *A Suprema Felicidade*, de A. Jabor.
8. A realidade da fantasia (nº. 46 – 22/11/2010), no qual indica o livro *A psicanálise na Terra do Nunca* (Penso - Artmed), dos psicanalistas Diana e Mário Corso.
9. Tapas e beijos (nº. 49 – 13/12/2010), sobre filme *Amor*, de João Jardim.

Entrevistas

1. Droga não é demônio (nº. 23 – 14/6/2010), com o psicanalista Eduardo Mendes Ribeiro, da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
2. Testamento vital (nº. 27 – 12/07/2010), com José Eduardo de Siqueira, professor de clínica médica e bioética da Universidade Estadual de Londrina.
3. Alison e a , (nº. 32 – 16/8/2010), com a tradutora Alison Entekin.
4. O novo, o velho e o antigo (nº. 45 – 15/11/2010), com o pesquisador italiano Luca Bacchini, especialista na obra do compositor brasileiro Chico Buarque.
5. A literatura é capaz de transformar o seu mundo? (nº. 51 – 27/12/2010), com Luís Henrique Pellanda, autor de *O Macaco Ornamental* (Bertrand Brasil).

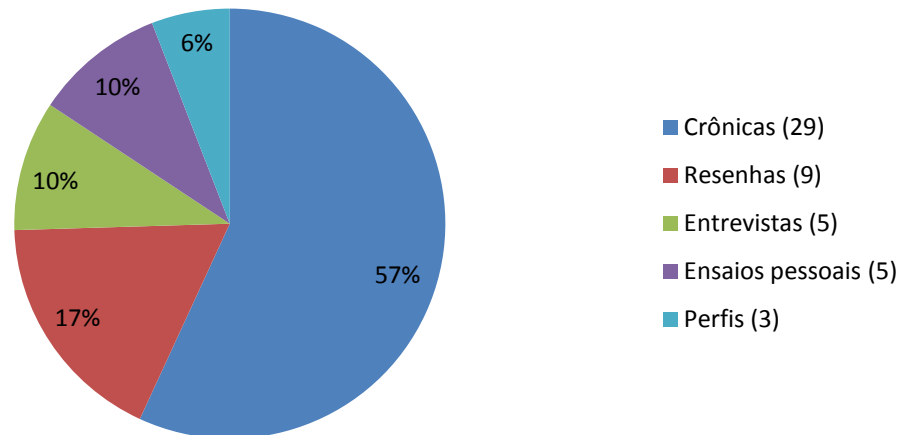
Ensaio pessoal

1. Escrivanhinha xerife (nº. 8 – 1/3/2010).
2. A agenda do exorcista (nº. 9 – 8/3/2010).
3. A mãe órfã (nº. 14 – 12/4/2010).
4. Para que tantos relógios se o tempo nos escapa? (nº. 37 – 20/9/2010).
5. As mães não deveriam morrer (nº. 41 – 18/10/2010).

Perfil

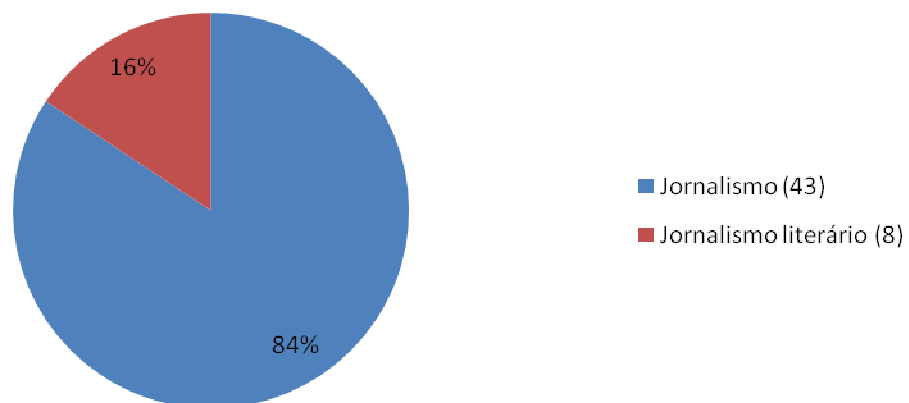
1. Hustene chorou baixinho (nº. 26 – 5/7/2010), sobre paulistano da nova classe média.
2. Uma história de luz (nº. 35 – 6/9/2010), sobre Luciano Felipe da Luz (Boca de Rua).
3. Rogério Pereira (nº. 47 – 29/11/2010), idealizador do jornal literário *O Rascunho* e do site *vidabreve.com*, no qual a jornalista escreve as terças-feiras.

Gêneros Jornalísticos nas colunas de Brum



No gráfico acima, nota-se que no ambiente digital – provavelmente por uma questão de cumprimento de prazos e talvez falta de verba para deslocamentos –, ocorre o predomínio do gênero crônica, isto é, o compartilhamento da visão de mundo da colunista a partir de fatos atuais ou universais.

Divisão de colunas entre Jornalismo e Jornalismo Literário





Essa dinâmica (tempo/investimentos) ajudaria a entender a baixa incidência de textos com elementos do Jornalismo Literário do gráfico acima, o que daria menos de uma coluna a cada cinco produzidas pela autora.

Considerações finais

Cabe ressaltar que a autora tira partido de outras propriedades da internet, derrubando em certa medida alguns mitos associados a este ambiente. O principal, sem dúvida, é a questão do espaço. Se Brum atende o ritmo temporal de produção semanal – portanto respeitando o *deadline* –, ela se apropria com gosto do espaço. Tanto que *Testamento Vital*, a entrevista realizada com o cardiologista José Eduardo de Siqueira, possui nada menos que 43 986 caracteres somente no corpo de texto – um espaço considerável em qualquer tipo de meio, salvo em livros.

Neste sentido, ela emprega a característica de uso da internet como espaço privilegiado para textos na íntegra, o que privilegia leitores exigentes, que buscam informações aprofundadas sobre um dado assunto.

O interessante é que não há queixas dos leitores em relação à dimensão das mensagens. Antes há uma interação por meio de comentários que varia do nível baixo (a crônica *Saci sem cachimbo, lobo sem dentes e gente sem pensamento*, por exemplo, recebeu apenas 16 comentários) ao elevado (193 na primeira crônica do ano, sobre vizinhos barulhentos na praia).

Fica evidente que as reportagens de fôlego publicadas na plataforma impressa da *Revista Época* demandam tempo alargado e orçamento suficientes para sua execução. Parte delas, convém ressaltar, é fruto da iniciativa pessoal da jornalista, como o acompanhamento por nove anos de uma família da região metropolitana paulista que emergiu de uma situação financeira desfavorável para a classe média, que foi publicada com o título de *Uma família no governo Lula* na edição impressa em 29 de dezembro de 2010.

Referências

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**: a era da economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KRAMER, Mark. *Breakable Rules for Literary Journalists*. In: SIMS, Norman; KRAMER, Mark. **Literary Journalism: A New Collection of the Best American Nonfiction**. Nova York: Ballantine Books, 1995, p. 21-34.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 1998.



_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo: Clube dos Autores, 2010.

_____. _____ Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **No Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. **Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MELO, José Marques. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MENEZES, José Eugenio de Oliveira. **Rádio e Cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.

PRIMO, Alex. **Interação Mediada por Computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e Política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1997. 2ª. edição.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na História e na Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação**. Da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papyrus, 1998.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.